



HAL
open science

Branqueamento e ascensão social em dois recentes filmes brasileiros: Aquarius e Que Horas Ela Volta?

Teresa Di Somma, Marcello Messina

► To cite this version:

Teresa Di Somma, Marcello Messina. Branqueamento e ascensão social em dois recentes filmes brasileiros: Aquarius e Que Horas Ela Volta?. I Semana do Cinema Possível, Jul 2017, Rio Branco, Brazil. hprints-02022352

HAL Id: hprints-02022352

<https://hal-hprints.archives-ouvertes.fr/hprints-02022352>

Submitted on 17 Feb 2019

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Branqueamento e ascensão social em dois recentes filmes brasileiros: *Aquarius* e *Que Horas Ela Volta?*

Teresa DI SOMMA (PPGLI-UFAC) teresadisomma2@gmail.com

Marcello MESSINA (PPGLI-UFAC) marcellomessina@mail.ru

Palavras-Chave: raça; branqueamento; ascensão social

Introdução

Neste trabalho pretendemos abordar de forma crítica as representações da ascensão social em dois recentes filmes brasileiros, a dizer, *Que Horas Ela Volta?* (MUYLAERT, 2015) e *Aquarius* (MENDONÇA FILHO, 2016). Ambos os filmes abordam questões sociais de grande relevância no Brasil contemporâneo, isto é, a condição econômico-social das empregadas domésticas, no caso de *Que Horas Ela Volta?*, e a despossessão conectada à gentrificação dos centros urbanos em *Aquarius*. Ambos os filmes foram abundantemente aclamados a nível nacional e internacional, e são comumente associados a posturas esquerdistas, especialmente em vista das apaixonadas declarações contra o impeachment de Dilma Rousseff que tanto Anna Muylaert (MACEDO, 2016) quanto Kleber Mendonça Filho (junto a toda a sua equipa) (PIMENTA, 2016) fizeram em apresentar os seus respectivos filmes. Sem pretender invalidar as importantes críticas sociais e políticas levantadas pelos dois filmes, queremos aqui refletir sobre as representações implicitamente trazidas pelas imagens no que se diz respeito ao conceito de raça. Em particular, tentaremos de argumentar que ambos os filmes associam problemáticamente a ascensão social ao processo, tanto social quanto fenotípico, do branqueamento.

Aquarius

Em *Aquarius*, a ação começa no Recife da década de 1980. Entre os vários protagonistas, familiarizamos com Clara, uma jovem mulher negra interpretada por Bárbara Colen. Ainda nessa época, Clara enfrenta com sucesso um câncer de mama. Em seguida, a trama vai para hoje em dia, em 2016. Assistimos a várias cenas da vida de uma mulher rica, visivelmente branca e fortemente bronzeada por conta das várias horas que ela passa cotidianamente na praia. Confessamos que demoramos bastante para entender que essa mulher, interpretada por Sônia Braga, era a mesma Clara que o filme tinha apresentado para nós no começo. Só tivemos a certeza que tratava-se da mesma pessoa quando, a partir das imagens, entendemos que essa outra Clara também tinha sido vítima de câncer de mama. Não é a primeira vez que Sônia Braga interpreta uma personagem negra, tendo de se bronzear para tentar disfarçar a própria branquitude:

Em filme (Gabriela, cravo e canela) de 1983, a baiana Gabriela foi interpretada por

Sônia Braga, uma atriz branca que teve de bronzear-se para tomar os ares da personagem do romance de Jorge Amado. Anos mais tarde, o diretor do filme, Bruno Barreto, justificou a escolha afirmando que não havia na época atrizes negras para desempenhar o papel. (MANDUCA, 2011)

Cabe ressaltar que, caso esse relato corresponda à verdade, o argumento de Barreto sobre a falta de atrizes negras seria totalmente ridículo.

A Clara branqueada de 2016 tem também uma empregada doméstica, que algumas/alguns crític*s veem como a “sua principal aliada”, com a qual ela tem “uma profunda ligação” (CARDOSO, 2016). Fora do Brasil, o jornal britânico *The Guardian*, ao contrário, vê Clara como uma mulher “arrogante e esnobe, com o hábito perpétuo de falar na frente d*s serv*s como se el*s fossem invisíveis” (BRADSHAW, 2016). A trama sugere a existência de uma outra empregada, “que fugiu para o Ceará roubando as joias da família de Clara” (ORMOND, 2016). Essa personagem aparece muito brevemente no filme: em um sonho de Clara, ela, distintamente mais preta do que a outra empregada, volta para roubar novamente. Essa mulher racializada e temida encarna precisamente o conceito de “besta da sombra” formulado por Gloria Anzaldúa (1999, p. 39), ou seja, o Outro que gera medo e terror, ameaçando os desejos de assepsia dos brancos. Pouco depois da primeira aparição (em uma foto) dessa ex-empregada, no meio dos diálogos do filme, ouvimos esse comentário cínico: “nós os exploramos, de vez em quando eles nos roubam” (*apud* ORMOND, 2016). O filme, como torna-se evidente a partir desse último comentário, propõe um imaginário baseado em dicotomias explícitas entre “nós” e “eles”, riqueza e marginalidade, classe média “honesta” e gente pobre “desconfiável”: todas essas dicotomias são fortemente imbricadas com representações comuns sobre raça e cor. No filme, *s branc*s são ric*s e de sucesso, enquanto *s não-branc*s são desconfiáveis e subaltern*s. Além disso, quem enriquece embranquece também, como acontece na vida de Clara.

Que Horas Ela Volta?

Que Horas Ela Volta? trata da história de uma empregada nordestina, Val, interpretada por Regina Casé, que trabalha há treze anos na casa de uma família rica paulistana. O filme retrata a chegada, na casa do patrão, da filha de Val, Jéssica (Camila Márdila), que veio prestar vestibular na mesma faculdade do filho do casal paulistano, do qual a Val foi babá. Aqui a ação se desenvolve ao longo da penetração de Jéssica no espaço doméstico do patrão, em lugares aos quais Val não tem geralmente acesso. Monta-se assim uma tensão palpável entre Val, que “defende” os espaços do patrão, Jéssica, que não vê problema nenhum com o seu aproveitamento da casa onde é hospedada, e a família paulistana, cujos membros mantêm uma relação ambivalente com o papel liminar de Jéssica,

entre hóspede e filha de servidora. O contraste que nos interessa maiormente é justamente aquele entre Val, empregada morena com educação escassa, e a sua filha Jéssica, uma mulher emancipada e acostumada a relações sociais mais “modernas”, e que é também fenotipicamente muito mais branca do que a mãe. A nossa percepção fenotípica das duas personagens coincide com as representações ordinárias das duas atrizes. Por exemplo, Regina Casé (Val) já afirmou o seguinte: “as pessoas me veem como pobre, negra, nordestina, e ao mesmo tempo eu não sou nenhuma dessas coisas” (CASÉ apud PAIVA, 1999). Similarmente, Anna Muylaert, falando da escolha de Camila Márdila para o papel de Jéssica, disse que “a Camila fez um ótimo teste. Mas ela era branca demais, não era nordestina [...] Até que fui convencida” (MUYLAERT apud RISTOW, 2016). O papel dessa moça branca no desenvolvimento do filme é problemático. Jéssica aparece como um *Deus ex machina* que resolve a situação: ela é nordestina e humilde como a mãe, mas é instruída, conversa de arte e arquitetura com os patrões e dorme no quarto de hóspedes. Será que o filme nos orienta implicitamente e talvez involuntariamente, rumo ao ponto-zero da branquitude (AHMED, 2007) de Jessica, sugerindo que é exatamente essa branquitude que lhe permite a ascensão social que não foi permitida à sua mãe? Efetivamente Schwartzman (2007) demonstra que o branqueamento intergeracional é estatisticamente uma das maiores ferramentas de ascensão social dentro do Brasil, e o filme parece aceitar e aprovar acriticamente esse fenômeno.

Além de associar a ascensão social ao branqueamento intergeracional, o filme reproduz os usuais estereótipos nacionais sobre a imigração nordestina (RIBEIRO, 2015) e caracteriza como nordestinas duas atrizes de outras regiões, já que Regina Casé é carioca e Camila Márdila é brasiliense – aliás, também em *Aquarius*, assim como em *Gabriela* (BARRETO, 1983), a paranaense Sônia Braga interpreta papéis de mulheres nordestinas. Efetivamente, já a partir do comentário de Muylaert citado acima sobre a atriz Márdila, que na visão dela “era branca demais” e, portanto, “não era nordestina” (MUYLAERT apud RISTOW, 2016), identificamos a persistência da construção discursiva de um tipo racial nordestino, que Albuquerque Júnior (1997) associa às teorias racistas positivistas da escola lombrosiana e das suas ramificações fascistas.

Referências

- AHMED, S. A Phenomenology of Whiteness. **Feminist Theory**, v. 8, n. 2, 2007, p. 149-168.
- ALBUQUERQUE JR., DM. Breve, lento, mas compensador: a construção do sujeito nordestino no discurso sócio-anropológico e biotipológico da década de trinta. **Afro-Ásia**, n. 19-20, 1997, p. 95-107.
- ANZALDÚA, G. **Borderlands: The new mestiza / La frontera**, 2ª edição, San Francisco, Aunt Lute Books, 1999.

BARRETO, B. **Gabriela**

BRADSHAW, P. Rich and mysterious Brazilian story of societal disintegration. **The Guardian**, 2016. <https://goo.gl/ugzvgQ>

CARDOSO, B. Aquarius: um filme político, mas também um filme sobre Clara, **Blogueiras Feministas**, 2016. <https://goo.gl/e9NWbY>

MACEDO, N. A bofetada de Anna Muylaert na Globo. **DCM**, 2016. <https://goo.gl/fhT7Vf>

MANDUCA, G. Ah! Esquemos que ele era negro... , **4quattros**, 2011. <https://goo.gl/CiFZPx>

MENDONÇA FILHO, K. **Aquarius**, Globo Filmes, 2016

MUYLAERT, A. **Que Horas Ela Volta?**Globo Filmes, 2015.

ORMOND, A. O país do cinismo, **Cinética**, 2016. <https://goo.gl/azEyUZ>

PAIVA, F. M. Entrevista com Regina Casé nas páginas negras. **Trip**, n. 73. <https://goo.gl/7756ww>

PIMENTA, C. Conheça o maior rival de ‘Aquarius’ na briga pela vaga do Brasil no Oscar 2017. **Cineset**, 2016. <https://goo.gl/qAm5F8>

RIBEIRO, D. Que horas ela volta e a reprodução do estereótipo nordestino. **Obvious**.2015. <https://goo.gl/KJj8ek>

RISTOW, F. Premiada em Sundance, brasileira Camila Márdila, de 26 anos, chega a Berlim, **O Globo**, 2016,<https://goo.gl/8QVJZb>

SCHWARTZMAN, L. F. Does Money Whiten? Intergenerational Changes in Racial Classification in Brazil. **American Sociological Review**, v. 72, 2007, p. 940–963.